

# Os riscos de aumento dos juros no exterior

por Célia de Gouvêa Franco  
de São Paulo

Depois de dois anos sem grandes problemas concretos na área externa, à parte o processo de negociação da dívida, o Brasil poderá enfrentar em 1986 algumas dificuldades sérias nessa área. Não se deveriam tomar como certezas a estabilidade atual dos juros e a possibilidade de se continuar conseguindo superávits apreciáveis na balança comercial.

A advertência é de José Carlos Braga, da assessoria econômica do Ministério da Fazenda. Os indícios de dificuldades na balança comercial e na conta de juros só reforçam a importância do enfoque dado pelo Brasil no tratamento da dívida externa. O País con-

ta hoje com dois trunfos essenciais nas negociações com os credores: os US\$ 9 bilhões de reservas e a relativa fragilidade do sistema financeiro externo. Por isso, se os superávits comerciais começarem a se reduzir e a renegociação emperrar, a opção do governo brasileiro será, sem dúvida, atrasar os pagamentos devidos ao exterior, garantiu em palestra num seminário promovido pela Sociedade Brasileira de Planejamento Empresarial.

Para Braga, os sintomas de que poderá haver uma reversão de tendência dos grandes indicadores internacionais estão nos Estados Unidos, com o déficit orçamentário de US\$ 180 bilhões e a dívida governamental de US\$ 2 trilhões. Além disso, a economia norte-americana, embora em crescimento, mostra sinais de uma recuperação tímida. A taxa média de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) nos EUA, por exemplo, entre 1979 e 1985 é de 2,1%, bem inferior aos 4,2% da década de 60 e aos 3,1% dos anos 70.